

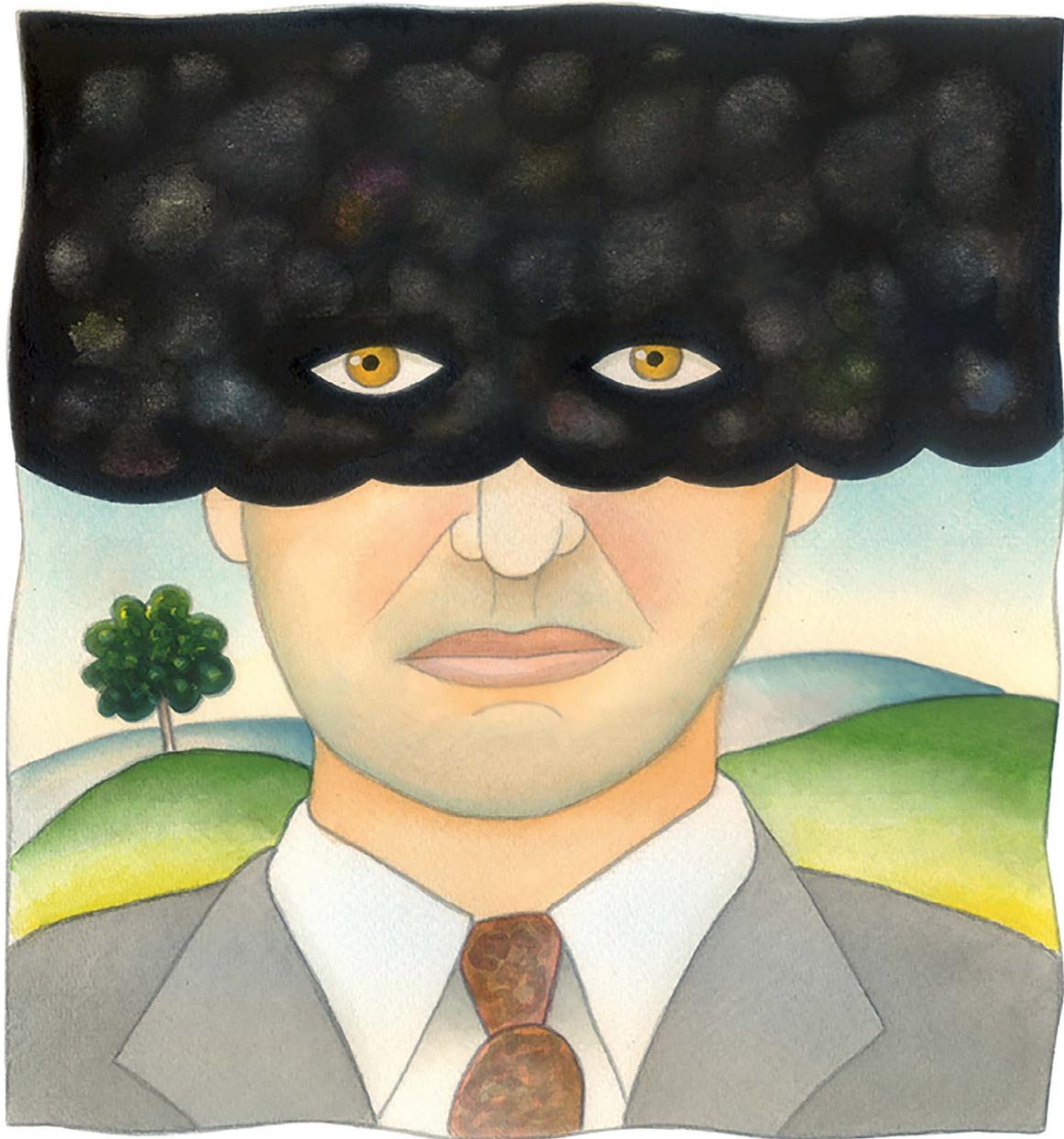
「dossiê: escrita e pandemia」

**Ricardo**  
**Azevedo**

# A índole da metáfora

Ensaio visual









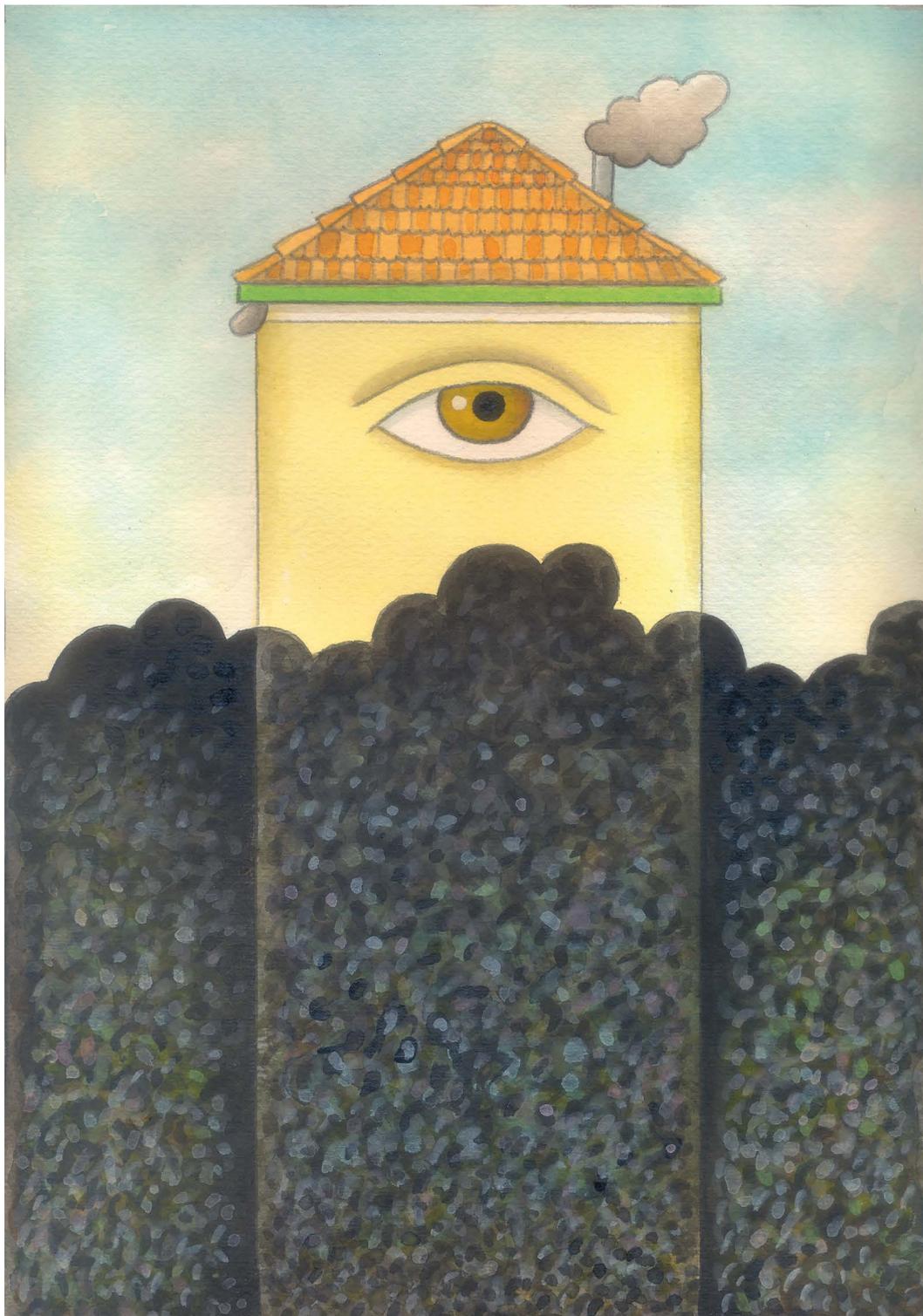














**Por ser escritor** e desenhista, depois de anos de trabalho foram ficando cada vez mais claros para mim os elos entre a linguagem escrita e a linguagem visual. São diversos os pontos de convergência, mas um deles creio que seja particularmente relevante: o recurso da metáfora. Não me refiro à metáfora utilizada de forma isolada aqui ou ali, mas, sim, à possibilidade de o trabalho inteiro poder ser considerado uma metáfora. Essa premissa hoje faz parte de quase tudo o que faço, sejam textos, sejam desenhos. Quero dizer que quando estou escrevendo, ou desenhando, tento compreender a que pano de fundo metafórico o trabalho em desenvolvimento pode corresponder. Isso me ajuda a determinar que caminhos tomar e a ter uma visão mais ampla a respeito do que estou fazendo. Quando falo em metáfora penso, claro, em alguma transposição de sentido que diga uma coisa embora queira dizer outra. Mas mais que isso: que este novo significado não surja a partir de uma lógica mecânica ou de alguma associação feita por contiguidade (como na metonímia p.e.), mas, ao contrário, seja arbitrário, não convencional, contraditório e inventivo. Em outras palavras, neste caso a transferência de significado nasce de um acervo inesperado ou mesmo ilógico, tem caráter singular, ambíguo e subjetivo e nunca permite uma chave única de leitura. O fato de um texto inteiro corresponder a uma metáfora é, penso eu, o que costuma dar a ele a possibilidade de oferecer ao leitor diversas leituras e interpretações dentro, claro, de uma certo contorno significativo. A simples gratuidade em princípio está fora deste contorno. No caso do desenho, a metáfora tende naturalmente a ser mais direta, crua e concisa. A pandemia de coronavírus e a quarentena remetem a situações de ameaça, isolamento, contaminação, medo, desestabilização, morte, busca de alguma esperança, imprevisibilidade, caos e coisas assim. As imagens que ilustram este artigo são metáforas e, mesmo que de forma não programada, creio que tiveram como ponto de partida esse momento difícil pelo qual estamos passando. Vencida a epidemia, possivelmente os desenhos ganharão novas possibilidades de leitura. É da índole da metáfora que seja assim. ■

**Ricardo Azevedo** é escritor e ilustrador paulista com muitos livros publicados, inclusive na Alemanha, França, México, Costa Rica, Portugal e Holanda. Ganhou várias vezes o prêmio Jabuti, dentre outros. É formado em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da FAAP, mestre e doutor em Letras pela USP e pesquisador na área da cultura popular, autor de *Abençoado e danado do samba – Um estudo sobre o discurso popular* (Edusp), que ganhou os prêmios Senador José Ermírio de Moraes da ABL e Jabuti, categoria Teoria e Crítica Literária, em 2014.